



A dificuldade em exercer o jornalismo diante da imprevisibilidade: uma análise do caso “Bomba no Riocentro”¹

Joelison FREITAS²

Viviane BORELLI³

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

O artigo analisa os fatores que dificultaram a cobertura jornalística do atentado ao Riocentro, em 1981. Busca-se discutir a questão da imprevisibilidade e da não possibilidade de planejamento da pauta diante de fatos inesperados. Em termos metodológicos, realiza-se pesquisa bibliográfica e discutem-se os conceitos de pauta, apuração e fontes para poder refletir em que medida a prática jornalística colaborou na posterior investigação do caso. Para análise, utilizou-se a observação dos dados registrados em livros e reportagens, em que foi possível perceber as complicações que os profissionais dos *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Jornal da Tarde* encontraram quando se viram diante de dessa situação incomum e inesperada.

Palavras-chave: Pauta; Imprevisibilidade; Apuração; Riocentro.

Introdução

Como fato motivador da elaboração deste artigo está a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), instituída em maio de 2012 pela presidente Dilma Rousseff, com o objetivo de apurar graves violações dos direitos humanos que ocorreram entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988 no Brasil. O foco da Comissão é, principalmente, os abusos cometidos por parte de agentes de estado no período da Ditadura Militar, entre 1964 e 1985. Ela não tem caráter punitivo, pois pretende apenas esclarecer alguns acontecimentos que ficaram obscuros nesse período. A comissão terá duração de dois anos, com previsão de realização de interrogatórios e audiências públicas, cujo o resultado poderá ser divulgado publicamente ou apenas ficar sob o domínio do governo. Desde sua criação, a CNV tem levantado casos importantes, um deles foi o episódio Riocentro, trazido à tona quando a comissão teve acesso a

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Acadêmico do curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria - RS. joelisonfreitas@yahoo.com.br

³ Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e coordenadora do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM.



documentos encontrados na casa de um coronel assassinado em Porto Alegre, em novembro de 2012.

O objetivo do artigo é analisar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da imprensa escrita na cobertura jornalística do atentado com bomba no Rio de Janeiro, em 1981. Além disso, pretende-se identificar o destaque que os jornalistas tiveram para a posterior investigação do ocorrido. Para isso, serão utilizados depoimentos de jornalistas de dois veículos que tiveram papel importante no caso: *Jornal do Brasil* e *O Globo*, além de matéria publicada no *Jornal da Tarde*.

Para a coleta e a descrição dos dados, foi utilizada a técnica da observação. Richardson (1999) estabelece o seguinte conceito para a observação não participante, que é indicada para estudos exploratórios:

Nesse tipo de observação o investigador não toma parte nos conhecimentos objeto de estudo como se fosse membro do grupo observado, mas apenas atua como espectador atento. Baseado nos objetos da pesquisa, e por meio de seu roteiro de observação, ele procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessa ao seu trabalho (RICHARDSON, 1999, p. 260).

Um dos objetos de pesquisa foi o livro “Bomba no Riocentro”, de autoria da jornalista Belisa Ribeiro de Oliveira⁴. Nele, a autora traz depoimentos de alguns profissionais envolvidos na cobertura, entre eles repórteres, editores e fotógrafos que naquela noite tiveram a experiência de um jornalismo diferente.

Foram usadas, também, reportagens documentadas no livro “10 Reportagens Que Abalaram a Ditadura”, de Fernando Molica⁵. Assim como Belisa (1981), Molica (2005) também traz o relato dos profissionais do jornalismo que, de alguma forma, influenciaram nas investigações após o atentado.

Este artigo, primeiramente, apresenta uma breve descrição dos fatos e relatos de alguns jornalistas que cobriram o caso. Em seguida, procura-se conceituar os fenômenos que servem de base para a posterior análise dos fatores que dificultaram a apuração jornalística pelos profissionais envolvidos na cobertura do atentado. Discute-se o conceito de pauta, apuração e fontes para mostrar em que medida a prática jornalística foi fundamental para o desenrolar das investigações sobre o caso.

⁴ Jornalista brasileira que atuou na Rede Globo e Bandeirantes, além do *Jornal do Brasil*.

⁵ Jornalista e escritor brasileiro que atuou em jornais como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

O caso Riocentro

“Bomba do Riocentro” é o nome pelo qual ficou conhecida a tentativa de atentado criminoso ao centro de convenções do Riocentro, ocorrida na noite de 30 de abril de 1981, no Rio de Janeiro. No local, acontecia um evento comemorativo ao Dia do Trabalho, onde cerca de 20 mil pessoas se reuniam, também, para protestar contra o regime autoritário da Ditadura Militar no Brasil, ainda em vigor na época. No evento patrocinado pela *TV Bandeirantes*, ocorreram shows de artistas como Chico Buarque, Gonzaguinha, Clara Nunes, Alceu Valença e Djavan.

O atentado não passou de uma tentativa, pois as bombas que seriam plantadas no local explodiram antes da hora, vitimando os responsáveis pela execução da Missão nº 115, que pretendia incriminar os movimentos esquerdistas, como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)⁶.

Entre as vítimas, uma morte (Guilherme Pereira do Rosário, especialista em montagem de explosivos) e um ferimento grave (Wilson Luiz Chaves Machado, capitão do I Exército e chefe do Destacamento de Operações e Informações - Centro de Operações de Defesa Interna, DOI-Codi⁷). Os dois estavam em um Puma cinza que fora visto, horas antes, em um restaurante na estrada Grajaú-Jacarepaguá, onde militares conversavam reunidos portando um mapa, provavelmente traçando as diretrizes da missão.



Figura 1: corpo do sargento Rosário ainda no Puma explodido por engano (Foto: *O Globo*. Fonte: <http://www.conversaafiada.com.br>).

⁶ Organização de luta armada brasileira de extrema esquerda que lutou contra o regime militar, visando à instauração de um governo socialista no país. Formou-se em 1966 a partir da união dos dissidentes da organização Política Operária (POLOP) com militares remanescentes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR).

⁷ Órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante o período da Ditadura Militar, de 1964 a 1985. O DOI era destinado a combater inimigos internos que supostamente ameaçariam a segurança nacional, como a de outros órgãos de repressão brasileiros no período.



Em maio de 2012, 31 anos depois, o país conheceu a primeira confissão de um envolvido no caso. Os jornalistas Rogério Medeiros e Marcelo Netto publicaram o livro “Memórias de uma guerra suja”, no qual Cláudio Guerra, ex-delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), dá seu depoimento revelador e arrependido sobre muitos crimes cometidos pelas forças militares sob o comando do Governo Federal. Em reportagem publicada no Portal iG⁸, Tales Faria apresenta trechos do livro no qual o ex-delegado confessa a participação no caso. Em um deles, Cláudio Guerra conta: “Participei do atentado ao Riocentro e fiz parte das várias equipes que tentaram provocar aquela que seria a maior tragédia, o grande golpe contra o projeto de abertura democrática”.

A prova definitiva e documental de que o atentado foi obra do comando militar veio em novembro de 2012, quando papéis confidenciais encontrados na casa do coronel reformado do Exército, Molinas Dias, evidenciaram que os agentes militares forjaram a cena de um atentado para incriminar os militantes da VPR. Julio Miguel Molinas Dias era, em 1981, comandante do DOI-Codi e foi assassinado em novembro do ano passado, aos 78 anos, em Porto Alegre, vítima de um crime com autoria ainda discutível⁹.

Imprevisibilidade da pauta

Ribeiro (1981) mostra como foi a noite de trabalho inesperado por parte dos editores, repórteres e fotógrafos que cobriram o atentado. A autora reproduz depoimentos de vários profissionais envolvidos, desde a apuração até a revisão das matérias que contaram aos leitores o que aconteceu no Riocentro aquela noite.

O fato descrito acima ocorreu por volta das 21 horas, momentos antes do fechamento das edições da maioria dos jornais do Rio de Janeiro. Ficou clara a dificuldade em planejar uma pauta de imediato. Muitos profissionais relataram que descobriam informações, muitas delas imprecisas, com o apoio de colegas de outros veículos. Até que se soubesse o que estava, exatamente, acontecendo *in loco*, outros tiveram de correr atrás de telefones de autoridades que pudessem esclarecer as primeiras dúvidas. É preciso lembrar que a maioria dos jornais fechava sua edição antes da meia-

⁸ iG Brasília, acesso em 15/04/2013. <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-05-02/a-primeira-confissao-do-atentado-ao-riocentro.html>

⁹ O Globo, acesso em 12/02/2013. <http://oglobo.globo.com/pais/bomba-no-riocentro-dossie-revela-farsa-de-militares-6823282>



noite – em caso de véspera de feriado, era até mais cedo – e as informações básicas se faziam necessárias para a inserção de notícias, ou até mesmo notas para relatar as explosões no diário seguinte.

O então chefe de reportagem do *O Globo*, Ely Moreira, conta que o jornal fechou sua edição por volta das 22 horas, e a maioria dos repórteres e redatores já tinham ido embora. Mais cedo, ele, como chefe, decidiu não enviar nenhum representante do jornal para cobrir o show no Riocentro, pelo adiantar da hora e também por ser promoção de um veículo concorrente à *Rede Globo*. Ou seja, não existia nenhum repórter por lá, o que dificultou ainda mais a apuração das informações. Isso não ocorreu apenas com *O Globo*, pois outros, como o *Jornal do Brasil*, também não foram cobrir o evento por motivos semelhantes.

Assim que a notícia chegou à redação, foram designados repórteres e fotógrafos para a cobertura. Muitos deles saíam da redação sem mesmo saber o que tinha acontecido, eram informados por rádio assim que se descobria algo novo sobre causas e vítimas. Quando chegavam ao estacionamento do centro de convenções, se deparavam com inúmeros curiosos que não serviam como fonte, pois também estavam lá para descobrir o que aconteceu. Ely Moreira, de *O Globo*, em depoimento a Belisa Ribeiro, conta que:

Assim que o Darcy (Darcy Moreira da Silva, repórter) me gritou lá de cima (a seção de polícia de *O Globo* em um jirau sobre a redação, bem acima da mesa da chefia de reportagem), mandei o Marcelo (Marcelo Pontes, repórter) e o Phillot (Aníbal Phillot, fotógrafo) correrem com um carro para o local. Nem pensei muito. O Darcy tinha me confirmado, a polícia tinha ido para lá e eu sabia que umas 20 mil pessoas estavam assistindo ao show. Nessa hora não tem conversa, a gente tem que correr e conferir. (RIBEIRO, 1981, p. 18)

Além dos curiosos, havia muitos policiais. A maioria deles não movia um músculo para dar informações aos repórteres. Em casos como esse, os soldados são orientados a esperar instruções de superiores para falarem com a imprensa, mesmo que nem os próprios policiais, que chegaram às pressas ao local (provavelmente estavam nas proximidades em função do evento), sabiam detalhes do que havia acontecido. O que todos sabiam é que uma bomba explodira em um carro matando um passageiro e ferindo gravemente o motorista. Os nomes, os cargos e o eles que faziam ali só foram descobertos num segundo momento.



A procura por fontes

No mesmo momento em que equipes de jornalismo tentavam coletar informações no local das explosões, outros repórteres foram encaminhados, pelos seus chefes, ao Hospital Municipal Miguel Couto, para onde foi deslocado o capitão Machado. Paulo Cesar Magalhães (PC), que à época era repórter da editoria local de *O Globo*, foi um deles. Chegou ao hospital sem saber o que estava acontecendo e foi para lá porque já estava na rua, cobrindo um tiroteio que acontecera em Bangu. Disse que com ele chegaram mais quatro ou cinco repórteres, todos à espera de esclarecimentos sobre o estado de saúde do capitão. Entretanto, a equipe médica do hospital não dava informações e agia como os policiais no Riocentro: calados a qualquer pergunta.

Um fator que dificultava a obtenção de informações através da entrevista foi, justamente, a imprevisibilidade do ocorrido. Segundo Pinto (2009, p. 108), “uma boa entrevista depende também de pesquisa, observação e documentação que se fazem antes dela”. Mas os repórteres, àquela noite, não tinham nenhum desses recursos disponíveis, eles se quer tinham informações concretas sobre o ocorrido antes de abordar as fontes.

Havia a necessidade de informações sobre o estado clínico do capitão, mas o mais importante era conseguir depoimentos que apontassem a possível causa das explosões, algo que propiciasse uma corrida por novas fontes. Foi aí que PC, bem como os outros repórteres presentes, usou seus truques para, a todo custo, levar um relato importante para o editor colocar na matéria que já estava sendo confeccionada na redação do jornal.

O repórter de *O Globo* conta que vários colegas se passavam por parentes do capitão para conseguir alguma informação dos enfermeiros, mas tudo em vão. Zuenir Ventura, chefe da sucursal da revista *Veja* no Rio, se passou por parente do capitão para atender ao telefone da recepção em busca de informações. Como sempre, em vão. Muitas vezes, o jornalista se submete a atos que fogem às suas próprias premissas, beirando o antiético para, sequer, obter resultados satisfatórios. Apesar disso, o mínimo de informações que o repórter garimpa já pode ser suficiente para a organização dos fatos e elaboração da matéria na redação.

A informação mais preciosa obtida pelos profissionais que foram ao hospital foi dada pelo capitão Souza Lima: o capitão Machado era seu colega no DOI-Codi, o que,



até então, não se tinha certeza. Paulo Cesar Guimarães, de *O Globo*, em depoimento a Belisa Ribeiro explicou que:

Passei algumas coisas pelo telefone para a redação, basicamente a informação do capitão Souza Lima. (...) Mesmo naquele dia, eu já sabia que estava acontecendo um negócio importantíssimo. Não escrevi matéria nenhuma, mas estava satisfeito de ter entrado na cobertura. Afinal, uma reportagem nem sempre é o que você traz, mas também aquilo que você tentou fazer (RIBEIRO, 1981, p. 34).

Com o relato de PC, podemos perceber que o repórter nem sempre conseguirá as informações que precisa para a construção do texto, mas, em um caso como esse, o mínimo que ele puder coletar já contribui para a cobertura por parte do veículo que ele representa. A informação obtida através do capitão Souza Lima foi crucial para *O Globo* ter tido um dos mais completos relatos do acontecido em sua edição no dia seguinte.

O jornalismo contribui com as investigações

O que se lê em jornais, o que se vê na televisão, e o que se ouve em rádio não ajuda somente a informar a população e formar uma opinião pública sobre os fatos, mas também contribui na investigação de crimes ou acidentes. No caso do Riocentro, sobre o qual se tinha muitas dúvidas de como havia acontecido a explosão, qualquer depoimento obtido, por mais breve que fosse, já serviria como prova para futuras investigações. E um personagem importante, nesse momento, foi o repórter: aquele que foi ao local e indagou os peritos e policiais que ali estavam. Posteriormente, essas informações obtidas foram repassadas ao editor que as colocou no texto da notícia, dando visibilidade ao relato do entrevistado.

Um bom exemplo disso aconteceu com o repórter da seção policial do *Jornal do Brasil*, Ubirajara de Moura Roulien. Mesmo chegando ao local depois dos colegas de outros veículos, Bira, como era conhecido, não ficou satisfeito com as informações que já se sabia, e abordou um senhor que segurava uma prancheta e estava dentro do cordão de isolamento, conhecido como Tatá. Sua primeira pergunta foi em relação à identificação do morto, ao que Tatá acenou negativamente e disse: “Essa história é muito séria, um negócio muito sério aconteceu aqui” (BELISA, 1981, p. 42). Não satisfeito, Bira replicou questionando o porquê, e teve a seguinte resposta: “Tinha outra bomba dentro do carro, e vocês (jornalistas) já estão sabendo que tem um ferido no



hospital. Não sei se esse que está aí é o sargento ou o capitão” (BELISA, 1981, p. 42). Ainda terminou o diálogo dizendo que a bomba tinha sido desativada.

Em depoimento a Belisa Ribeiro, Ubirajara Roulien do *Jornal do Brasil* detalhou que:

Eu fiquei maluco, chamei os outros jornalistas e contei o que o *cara* tinha me dito. Nessas horas não tem essa de *furo*. Isso não existe. Existe é a solidariedade de socorrer um colega que chegou mais tarde. *Furo* é válido se você pega a informação sozinho, mas se está todo mundo no local o que conta é a solidariedade e, num caso como esse, conta também a preocupação de dividir a responsabilidade (RIBEIRO, 1981, p. 42).

O relato de Tatá para o repórter do *Jornal do Brasil* ajudou a clarear as ideias de todos quanto à sucessão de fatos no estacionamento. Isso ficou documentado nos jornais do dia seguinte, antes mesmo de as testemunhas serem ouvidas na delegacia de polícia, reafirmando a importância do jornalismo em casos que geram dúvidas, até mesmo, às autoridades responsáveis.

Em todos os manuais de jornalismo, lê-se que o profissional deve priorizar a informação, por mais complicado que isso seja. Eles também ensinam o jornalista a agir em situações perigosas, mas os exemplos nunca serão totalmente explicativos quanto à vivência e experiência profissional.

Em um caso como a bomba no Riocentro, no qual havia assuntos políticos interferindo diretamente na autoria do atentado, o jornalista é visto quase como um promotor de acusação. Por mais que ele use uma linguagem de suposição, sua informação sempre estará sujeita às diversas interpretações, uma palavra colocada no lugar errado pode, de certa forma, incriminar algum suspeito.

Por isso havia a necessidade de informações precisas e o mais rápido possível naquela noite. Todos os jornais fechariam suas edições muito depois do habitual, mas o trabalho foi incessante até que se tivesse um material que desse conta de todas as informações que os leitores precisariam saber no dia seguinte. Mesmo assim, por conta do encobrimento de informações por parte do Exército, todas as dúvidas foram dirimidas apenas trinta anos após o atentado. A opinião pública já imaginava que a autoria era do Exército, mas não existiam provas definitivas como os documentos encontrados na casa do coronel assassinado em 2012.

Fritz Utzeri, que à época era repórter do *Jornal do Brasil*, teve papel importante enquanto cobria o Inquérito Policial Militar do I Exército. Foi ele, juntamente com

Heraldo Dias, quem desmentiu o resultado do IPM, divulgado dois meses após a explosão pelo coronel Job Lorena de Sant’Anna. Nele, o coronel afirmava que a bomba teria sido plantada no carro, através de uma bolsa colocada entre a porta e o banco do carona, evidenciando um atentado contra os militares. Mas, por meio de uma criteriosa investigação jornalística, Utzeri revelou, em reportagem na edição do dia 2 de julho de 1981 do *Jornal do Brasil*, que seria impossível a não visualização do artefato pelos militares, já que o modelo do carro é compacto. Fritz Utzeri, do *Jornal do Brasil*, em depoimento a Fernando Molica, contou:

Usando a trena, fizemos várias fotos e mostramos no dia seguinte uma página gráfica com a evidência – flagrante – de que o IPM era mesmo fajuto. Job Lorena de Sant’Anna e o Exército estavam mentindo. Não havia mais o que provar, e o *JB* fez jornalismo e História (MOLICA, 2005, p. 276).

Utzeri e Dias mostraram aos leitores e à opinião pública que o inquérito do Exército tentava acobertar um fato determinante que incriminava os militares e com essa matéria investigativa, e mais tantas outras que fizeram parte da cobertura do atentado e da investigação do caso Riocentro, o JB ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo naquele ano.

A título de exemplificação, logo após o atentado, na capa do dia 2 de maio de 1981, o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, usou um questionamento para insinuar o envolvimento do Exército no planejamento do atentado. Com o título “*Quem explodiu estas bombas no Rio? Veja os fatos e julgue!*”, o leitor foi instigado a criar seu julgamento a partir dos fatos (“veja e julgue”). A partir do direcionamento dado pela manchete, o jornal orientou os leitores a acreditarem na má intenção da força militar, hipótese posteriormente comprovada.



Figura 2: o título induz o leitor a formar uma opinião sobre a autoria do atentado. (Fonte: <http://blogs.estadao.com.br>)



Um dos aspectos que motivaram essa intenção de acusar os militares de serem autores do atentado foi a falta de esclarecimentos por parte das autoridades, principalmente no local da explosão. Pereira Junior (2010, p. 70) afirma: “Cabe ao jornalista sedimentar uma realidade sólida para o público, sem enganá-lo com a falsa promessa de uma realidade ‘real’, pronta, acabada”.

Como os repórteres não tinham acesso às fontes para que estas pudessem esclarecer as primeiras dúvidas, logo o Exército passou a ser visto como o causador do atentado. Neste contexto, os jornalistas precisavam transmitir essa desconfiança à opinião pública, afinal, na interpretação dos veículos de comunicação, quem tenta acobertar um crime, se torna suspeito.

Considerações finais

Com o presente trabalho, analisou-se de maneira breve a experiência vivida pelos profissionais de imprensa na cobertura jornalística da tentativa frustrada de atentado ao Riocentro. Observa-se que o trabalho do jornalista é imprescindível em momentos de incidentes graves e inesperados como esse. Por mais que se tenham poucos meios e pouco tempo para obter as informações, o repórter deve fazer o possível para conseguir o mínimo de informação que ajude na construção de um relato dos fatos para que o leitor possa compreender o que e como aconteceu.

Os manuais de jornalismo ensinam que as etapas do processo de construção de uma reportagem são a preparação, a pauta, a pesquisa e a apuração, mas, como ficou evidente, as três primeiras não existem em situações de imprevisibilidade e são nesses momentos que a experiência conta pontos para que o profissional consiga desenvolver seu trabalho. O repórter deve ter ações precisas e rápidas para que a execução da pauta seja feita de forma imediata, e uma boa base de formação é fundamental para colocar em prática tantos ensinamentos num curto espaço de tempo e em meio a uma turbulência de fatos como um atentado.

Nota-se que alguns dos fatores que podem ter dificultado a execução plena de um completo trabalho jornalístico foram: o pouco tempo para a apuração mais completa dos fatos; a falta de fontes disponíveis para conceder entrevistas e o rigor das autoridades que protelaram a liberação de informações que eram essenciais à elaboração das notícias.



O trabalho jornalístico àquela época era ainda mais difícil de ser realizado, pois o regime militar no Brasil impunha uma obstrução no acesso à informação pelos meios de comunicação. Qualquer forma de manifestação contra o regime recebia represálias ostensivas por parte das forças militares. Além disso, os jornalistas eram atingidos pela censura que calava suas vozes e impedia que o movimento democrata chegasse a todas as instâncias da sociedade.

Os jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Jornal da Tarde* tiveram destaque na cobertura do atentado. Não só por disponibilizar aos seus leitores informações mais completas, mas também por terem sido os principais alvos dos comandos militares nos dias que seguiram o atentado. A perseguição se deu pela divulgação de fotos e informações que não agradaram aos que, recentemente descobertos, tinham total responsabilidade pela autoria do ato terrorista que, felizmente, não teve êxito e deixou de abreviar milhares de vidas que comemoravam o Dia do Trabalho no centro de convenções do Riocentro.



Referências

ANSARA, Soraia. **Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2008.

BATISTA, Lizbeth. Há 30 anos, bombas no Riocentro afetavam o processo de abertura. Arquivo Estado. **Estadão**. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2011/04/30/ha-30-anos-bombas-no-riocentro-afetavam-o-processo-de-abertura/> Acesso em: 12/02/13.

CHAGAS, Fábio Gonçalves. **A Vanguarda Popular Revolucionária: dilemas e perspectivas da luta armada no Brasil**. 2000. (Dissertação de mestrado) Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000.

FARIA, Tales. A Primeira Confissão do Atentado ao Riocentro. **iG Brasília**, 2 de mai/2012. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-05-02/a-primeira-confissao-do-atentado-ao-riocentro.html> Acesso em: 15/04/2013.

ISTO É. O último suspiro da ditadura. Reportagem da série ISTOÉ 35 ANOS, 23 set. 2011. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/162312_O+ULTIMO+SUSPIRO+DA+DITADURA. Acesso em: 12/02/13.

MOLICA, Fernando. **10 Reportagens que Abalaram a Ditadura**. São Paulo: Record, 2005.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

RIBEIRO, Belisa. **Bomba no Riocentro**. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

Site da Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br>. Acesso em: 15/04/13.

Site do livro “Memórias de Uma Guerra Suja”. Disponível em: <http://memoriasdeumaguerrasuja.com.br/>. Acesso em: 16/04/2013.

TREZZI, Humberto; COSTA, José Luís. Bomba no Riocentro: dossiê revela farsa de militares. **O Globo**, São Paulo, 24 de nov/ 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/bomba-no-riocentro-dossie-revela-farsa-de-militares-6823282>. Acesso em: 12/02/13.